



# VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

## ONTEM CRIANÇAS NA ESCOLA, HOJE HOMENS NO CÁRCERE

Marília Pizzatto Bratti\*

Sempre questioneei sobre o futuro dos alunos que “abandonavam” (ou eram convidados a se retirar da) a escola e ao mesmo tempo, ainda que imersos num seio familiar com influências religiosas, eram “abandonados” a própria sorte. Teriam estes alunos capacidade para enfrentar o mundo ainda que a escola lhes tenha fornecido o atestado de incompetência e inadequação?

Seria possível relacionar, de alguma forma, a falha da escola ao aumento da violência e conseqüentemente o aumento da população carcerária?

Estas inquietações e a preocupação com o aumento vertiginoso do fenômeno da violência na cidade de Joinville, SC e região, foram as questões que me levaram no ano de 2006 a estruturar um projeto de pesquisa para ser desenvolvido na Penitenciária Industrial de Joinville. A proposição deste estudo teve então, como ponto de partida, a ótica dos presidiários e a partir dela construir uma análise diagnóstica dos fatores que influenciaram e estimularam estes indivíduos a ingressarem no submundo do crime, além de destacar a importância da educação no processo de ressocialização dos detentos.

---

\* Doutoranda em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie; Consultora Educacional da Gerência de Educação do Estado de Santa Catarina. E-mail: marília-pizzatto@ig.com.br

Este artigo tem por objetivo analisar a imagem da Escola construída a partir dos relatos das histórias de vida dos internos da penitenciária. Convém destacar que a Escola: uma instituição de mediação entre a criança (ou jovem) e a sociedade constituiu-se numa das três categorias de análise no desenvolvimento e conclusão do estudo realizado na Penitenciária Industrial de Joinville.

### **AS QUESTÕES METODOLÓGICAS: DA REALIDADE NACIONAL À REALIDADE LOCAL**

Em uma pesquisa realizada junto aos Estados e Distrito Federal entre os anos de 2005 e 2010 pelo Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN) foi possível observar um crescimento da população carcerária de 38,3%, alcançando, no ano de 2010 a população carcerária de 176.910 homens no regime fechado e 64.754 homens no regime semi-aberto.

Continuando a análise dos dados fornecidos pelo Departamento Penitenciário Nacional do Ministério da Justiça, no ano de 2008, 57% dos detentos possuíam faixa etária entre 18 e 29 anos. Em 2009 houve um crescimento dessa percentagem passando para 59% os detentos com idade entre 18 e 29 anos.

Quando se analisa o nível de escolaridade dos internos do sistema penitenciário, os dados consolidados do senso do sistema penitenciário no Brasil nos anos de 2008 e 2009 permitiram observar que, respectivamente, 63,3% e 61,2% dos detentos eram Analfabetos, Alfabetizados ou tinham Ensino Fundamental Incompleto.

Olhando especificamente para a cidade de Joinville, a partir de uma população carcerária de 315 homens no ano de 2006, selecionou-se uma amostragem aleatória de 16 internos e com estes realizei uma entrevista semi-estruturada. O primeiro dado possível de ser observado foi o de que a realidade da população carcerária no que se refere à faixa etária no município de Joinville alinhava-se ao panorama geral traçado pelo senso penitenciário brasileiro nos anos de 2008 e 2009: era uma população de jovens que ocupava as celas da penitenciária: 85,8% dos internos possuíam até 31 anos de idade.

Na amostragem selecionada procurou-se contemplar tipos variados de crime e para determinar o tamanho da amostra assim como a seleção dos indivíduos utilizou-se o procedimento amostral não probabilístico por conveniência e por julgamento onde a seleção dos indivíduos depende significativamente da avaliação do pesquisador. Os dados das entrevistas foram analisados utilizando os procedimentos da análise de conteúdo.

O nível de escolaridade informado pelos internos que participaram do estudo era de que 71,5% não haviam concluído o Ensino Fundamental, e 21,4% deles informaram ter concluído a 8ª. série, ou seja, o último ano de estudo do período que compreende o Ensino Fundamental e ingressado no período correspondente ao Ensino Médio, entretanto não chegando a concluir esta modalidade de ensino. Somente um interno entrevistado, que perfaz um total de 7,1%, concluiu o Ensino Médio e ingressou no 3º. Grau ou Ensino Superior no curso de Engenharia e no momento não prossegue seus estudos neste nível de ensino.

3

### **A ESCOLA VIVENCIADA PELOS INTERNOS...**

Embora a família exerça grande influência na educação dos indivíduos, a escola também exerce a sua função como agente de socialização. A escola é uma instituição especialmente organizada para “transmitir” aos que a ela recorrem a herança cultural da sociedade. Reimer (1975, p. 51) conceitua a escola como sendo “[...] uma instituição que exige a frequência de grupos etários específicos em classes, sob a supervisão de professores, para o estudo de um determinado currículo”.

Concorda-se com Reimer (1975), quando afirma que a escola possui quatro funções: a tutela dos alunos, a seleção social, a doutrinação e a educação e é a combinação destas quatro funções que garante à escola o título de instituição total, ou seja, um efetivo instrumento de controle social.

A função da tutela pode ser explicada como a ação de controlar a vida dos que são obrigados a se submeter a ela por um período cada vez maior de tempo. Além deste processo de controle, a escola também desempenha um papel fundamental que é o de construir, transmitir e validar hábitos de geração em geração. A coerção ininterrupta

observada nos processos de atividade e o controle minucioso do tempo, do espaço e dos movimentos a que os estudantes estão submetidos impõem o que Foucault (2000) afirma como relação docilidade-utilidade. Mais do que aumentar as habilidades dos indivíduos e aprofundar sua sujeição, o que se almeja é fortalecer uma relação de obediência e utilidade, ou seja, quanto mais obediente, mais útil e adaptado estará o indivíduo e vice-versa.

Corroborando a função de tutela realizada pela escola apresenta-se o depoimento do interno Adriano. Em sua entrevista o interno afirmava gostar de frequentar a escola, principalmente as aulas de educação física, pois se destacava nas atividades. Questionado a respeito das outras aulas ele afirma “[...] nas outras matérias eu era meio lerdo”. Em seu depoimento o interno afirma que alguns professores lhe diziam para se esforçar, vinculando assim o sucesso na escola ao esforço individual e solitário do aluno. Adriano responde: “Eu me esforçava, tinha vez que eu me esforçava bastante, mas tinha vez que dava um desânimo”. Na entrevista com este interno, percebeu-se que a escola funcionava como um espaço onde era possível aprender “coisas novas” e ao mesmo tempo fugir das constantes brigas e espancamentos provocados por seu pai alcoólatra. O interno comentou que em sua família eram constantes as mudanças de residência obrigando-o assim a frequentar diversas escolas e que num desses períodos afastou-se temporariamente da sala de aula. Adriano comenta que frequentou a escola até o dia em que, a exemplo de seu pai, um professor o agrediu.

Foi uma vez que um rapaz colocou cola na cadeira da professora e fui eu que paguei o pato, daí levei uma reguada na orelha e depois daquele dia eu nunca mais quis ir pra escola. Apanhei por ele e fui expulso do colégio depois. Então não voltei mais. Não adianta voltar pro colégio pra apanhar né. (sic)

No cumprimento da função de tutela, a escola, muitas vezes valendo-se da força, procura garantir a obediência dos estudantes e desta forma perpetuar comportamentos e valores que julga serem ideais.

A segunda função da escola é a de separar e classificar os jovens nas categorias que irão ocupar mais tarde. Reimer (1975, p. 40) referindo-se a esta função faz a seguinte afirmação: “[...] a escola é uma corrida de obstáculos na qual o mais vagaroso deve arcar com o peso cada vez maior de seu fracasso, enquanto os vencedores são

incentivados pelo seu próprio sucesso”. Quando questionado sobre a escola e sobre sua aprendizagem o interno Eduardo dá o seguinte depoimento:

Não sei, aquilo ali eu não me encaixo, eu não me adapto, pra mim é assim, eu parei na quinta série, fiquei três anos na quinta série e eu saí daí porque, eu não me sentia bem para estudar, não dava certo aquele estudo ali, eu fiquei cinco anos ali e pensei eu não aguento mais e se não deu certo naquilo ali eu tenho que parar. Não eu nunca fui burro, matemática mesmo, num mercado, numa loja que fosse, não precisava nem de caneta e papel para fazer conta, era na hora e de cabeça. (sic)

Estimulado pelas constantes reprovações e pela defasagem idade-série Eduardo foi convidado a se retirar ‘sutilmente’ do espaço escolar carregando consigo o rótulo da inadequação.

Ao escutar os relatos dos internos pode-se perceber que os mesmos não possuem capacidade crítica de contextualização dos fatos. É compreensível que quando crianças tenham se sentido inadequados frente aos desmandos da escola, entretanto, após outros questionamentos nenhum dos entrevistados conseguiu construir uma análise mais aprofundada da situação que vivenciaram quando estudantes. Ou seja, nenhum dos internos conseguiu perceber que os resultados alcançados enquanto frequentavam a escola estiveram diretamente vinculados a questões maiores como o desemprego, violência doméstica, baixo poder aquisitivo entre outros. O atestado de inadequação passado pela escola é aceito como verdadeiro e insuplantável, uma sentença de morte.

Nesta separação e classificação estimulada pela escola somente alguns conseguirão o lugar ao sol. Esses com certeza serão os mais inteligentes. Os demais, a grande maioria, serão novamente vítimas de novas classificações até que a escola termine por colocar cada um em seu lugar, sendo um dos caminhos para os inadequados a penitenciária.

A ação de doutrinar é a terceira função da escola. Desde muito cedo as crianças aprendem sem questionar o que deve ser compreendido como “certo” ou “errado”. Esperar e aceitar de bom grado o que o professor ensina é a fórmula da escola que sabe, através da sua prática, recompensar os indivíduos que melhor se adaptam a esse sistema. Gómez (2001, p. 263) se posiciona a respeito do ato de doutrinar da escola e faz a seguinte afirmação:

Quando a escola apenas provoca aprendizagem acadêmica de conteúdos vitalmente indiferentes, que aprendidos para passar nos exames e esquecer depois, e não estimula sua aplicação consciente e reflexiva na vida cotidiana, sua tarefa não pode ser denominada, em nossa opinião, educativa

Há também os alunos que não se adaptam ao sistema da doutrinação. Para estes a escola, através de sua estrutura pedagógica de supervisores, orientadores, professores e seus aparatos, reserva um tratamento especial, ou seja, são ridicularizados através das reprovações e repreendidos constantemente, para que abandonem a postura de rebeldia acerca do que lhes é imposto e passem a aceitar docilmente o espaço que lhes é cabido dentro da estrutura.

Bem doutrinado pela escola o interno André faz o seguinte comentário:

Eu não gosto de estudar, não sei explicar, mas eu não gosto de estudar. Talvez aqui no começo, se me chamasse para estudar eu iria para sair do “X” (referindo-se a cela onde fica confinado). [...] é que eu não absorvo muito bem, eu não tenho uma boa memória, eu demoro, demoro pra aprender.

André credita a si mesmo a responsabilidade por não conseguir aprender. Em entrevista, este interno revelou que sua vida sofreu uma drástica mudança após o falecimento de seu pai. Sua mãe, após ver-se incumbida totalmente das obrigações financeiras passou a refugiar-se no álcool. Ficando a mercê dos acontecimentos, André passou a apresentar um baixo rendimento escolar até chegar a conclusão, amparado nas notas baixas e nos comentários dos professores, de que não possuía inteligência e competência para frequentar os bancos escolares. Se a escola possui o poder de classificar e selecionar os melhores alunos, logo os estudantes descartados encaram essa exclusão como algo merecido, uma vez que não foram agraciados com inteligência para frequentar tal espaço.

A quarta função da escola é a educação. Reimer (1975) afirma que a educação, apesar de ser a razão de existência da escola, ocorre depois que as outras três funções foram executadas. A escola concentra a sua potência de ação no cuidado paternalista, na seleção e castração dos estudantes e deixa a desejar no que se refere a sua função principal que é “[...] intenção essencial de oferecer às futuras gerações a possibilidade

de questionar a validade antropológica daqueles influxos sociais, de elaborar alternativas e de tomar decisões relativamente autônomas”. (Gómez, 2001, p. 263)

A respeito desta quarta função assumida pela escola, Illich (1973, p. 44) ajuda a esclarecer:

Se as escolas são o lugar errado para se aprender uma habilidade, são o lugar mais errado ainda para se obter educação. A escola realiza mal ambas as tarefas; e parte porque não sabe distinguir as duas. A escola é ineficiente no ensino de habilidades principalmente, porque é curricular. Na maioria das escolas, um programa que vise a fomentar uma habilidade está sempre vinculado a outra tarefa que é irrelevante.

A escola até agora retratada foi a mesma oferecida de forma obrigatória às crianças que hoje são os internos da Penitenciária Industrial de Joinville. Dos 14 internos cujas entrevistas foram transcritas, 78,6% afirmam terem abandonado ou sido expulsos da instituição escolar. As estatísticas são cruéis e demonstram que a escola pouco contribuiu para a vida dos internos quando estes eram crianças e estavam submetidos a ela.

No relato dos internos percebe-se que a escola desempenhou eficientemente as funções de tutela, classificação e doutrinação. E de acordo com essas funções, aqueles que não conseguiram uma adequação total às regras receberam tratamento violento ou foram “convencidos” da sua própria inadequação. Patto (1997, p. 27) reforça esta postura assumida pela escola quando afirma:

De maneira sutil, e por isso mesmo efetiva, a escola levaria o indivíduo a formular uma visão do mundo compatível com a preservação do status quo. Consagrando a ideologia do talento, ou “dom”, ou enfatizando o mérito e eficácia do esforço pessoal, a escola o levaria a aceitar como natural ou explicável a sua situação particular, de membro da classe dominante ou dominada.

A escola e as suas sutilezas têm o poder de garantir veracidade e aceitabilidade para os absurdos que ela comete em nome da função que se diz desenvolver que é a de educar. Os alunos excluídos sentem que mereceram a exclusão, pois não se esforçaram o suficiente ou então não possuem condições intelectuais para frequentarem tal espaço. A escola é um dos aparelhos ideológicos do Estado e como tal reproduz a sociedade em que está inserida. Ao mesmo tempo em que se torna incapaz de visualizar a ótica de que

em meio à ilha de violência e exclusão vivida, para muitos, a escola representa a única fonte de oportunidade disponível.

O que mais chama a atenção no relato dos sujeitos participantes deste estudo é o fato de que quando questionados acerca da influência da escola em suas vidas, eles referiram-se a ela como uma válvula de escape, um local onde era possível ser criança e onde a rotina de violência muitas vezes presenciada no interior do lar não se repetiria. No depoimento do interno Orlando é possível compreender a dimensão de importância assumida pela escola:

[...] como eu não tive infância eu usava a escola para tirar a minha infância, eu aproveitava a escola para brincar. Gostava de tudo, das aulas que as professoras davam, do recreio, porque é a única parte que eu era mais criança era na escola, saía dali tinha hora programada para chegar em casa, se eu chegasse tarde já não tinha infância, tava lá a ditadura. (sic)

A escola também foi apresentada como um local de motivação, onde era possível encontrar a alegria e ainda demonstrar e treinar suas habilidades. As aulas de Educação Física ganharam destaque para o interno Jeferson: “Eu ia pra aula todos os dias, e não faltava aula, só que o meu interesse, o fato de eu estar estudando na aula é para jogar bola na hora do recreio e na Educação Física.” (sic)

A escola, ainda que de forma obrigatória para alguns e/ou como ambiente de lazer e distração para outros, teve oportunidade de fazer a diferença na vida dos internos. Através das estatísticas deste estudo é possível chegar a conclusão de que, como instituição cujo objetivo primordial é a educação, a escola deixou muito a desejar. A escola ainda trabalha com a visão de aluno ideal, o que só existe em seu imaginário. O aluno ideal, se é que é possível traçar um perfil que se enquadre nesta denominação, é aquele que não apresenta dificuldades, que não fala e não questiona, que não requer cotidianamente a atenção do professor na resolução de atividades que este propõe.

Gandin (2006) ressalta que a escola não pode ser melhor do que a sociedade onde ela está inserida e que as mudanças que contaminam a sociedade raramente vêm através da escola. Esta instituição, assim como a família, tenta moldar o indivíduo para que possa pertencer à sociedade e não ser considerado marginal. Apesar do discurso de



que como instituição se compromete com a cidadania, com a participação, com a justiça social e com a cidadania, sua prática continua classista e domesticadora.

Concorda-se com Illich (1973, p. 107), quando este compara a escola a uma rodovia de transporte e afirma:

À semelhança das rodovias, a escola dá a impressão, à primeira vista, de estar aberta igualmente a todos os aspirantes. Mas, de fato, está aberta apenas aos que constantemente renovam suas credenciais. Assim como as rodovias dão a impressão de que seu atual nível de custo por ano é necessário para que as pessoas se possam locomover, assim também as escolas são consideradas essenciais para atingir a competência exigida pela sociedade que usa a moderna tecnologia [...] As escolas não estão apenas à direita das rodovias e dos carros; elas pertencem ao extremo do espectro institucional, ocupado pelos asilos totalitários. Mesmo os produtores de quantidades de cadáveres matam apenas corpos. A escola, fazendo com que os homens abdicuem da responsabilidade por seu crescimento próprio, leva muitos a uma espécie de suicídio espiritual.

Ao se observar o campo escolar mais profundamente, é possível visualizar e compreender de fato que em nome de manter a ordem social estabelecida, a instituição escolar se organiza para produzir o “assassinato espiritual” dos alunos. Professores despreparados, currículos desvinculados da realidade, bibliotecas-depósito, a rigidez excludente dos regulamentos internos, entre outros, são fatores utilizados para criar uma aura de respeito e valor em torno da escola, ao mesmo tempo em que contribuem para que a comunidade escolar, pais e sobretudo os alunos concebam a visão da escola como um local sagrado onde somente os indivíduos bons e adequados merecem estar incluídos.

Para exemplificar esta discussão, apresenta-se o relato do interno Eduardo, quando questionado sobre as escolas em que estudou e sobre sua motivação para o ensino:

[...] o negócio pra mim sempre foi desde pequeno, toda vida, toda vida foi só trabalhar e trabalhar [...] eu não gostava de estudar [...] eu não gostava daquilo ali porque não tinha nada para eu fazer, eram só os livros e a caneta e não trazia nada, nenhuma vantagem, nenhum benefício para mim. O meu benefício era o trabalho porque eu podia levar o dinheiro para casa. (sic)

Merece destaque o fato de que os internos, agora adultos, durante suas entrevistas referiram-se à escola como um ambiente obrigatório que pouco contribuiu para a vida. Os depoimentos tecidos a esta instituição passaram longe do sentimento de alegria e motivação que ela devia suscitar, pois aprender é uma máxima de todo o indivíduo, e toda aprendizagem significativa que produz sentidos e ajuda na compreensão da realidade vivenciada facilita a vida e oportuniza uma nova perspectiva de enfrentamento da realidade.

Embora a família não se configure no foco deste artigo, é impossível compreender a realidade acima retratada sem delinear a família da qual os internos faziam parte quando crianças. A partir dos relatos fornecidos observou-se que as famílias de todos os internos estiveram expostas a situação de vulnerabilidade social justificada pelo desemprego, pela baixa renda e pela inexistência de política pública que garantisse condições de vida adequada. Em função dessa condição de vulnerabilidade a família obrigou-se a adotar uma nova forma de organização, priorizando então o alargamento da jornada de trabalho. Essa nova reorganização adotada pela família acabou por sacrificar os momentos de convívio familiar, de diálogo, de descanso e de lazer tão importantes para a solidificação do vínculo familiar. Com relação à vulnerabilidade social e a condição de exposição e fraqueza sentida pela família, 71,4% dos internos entrevistados afirmam terem sido expostos a situações de violência familiar em decorrência do uso abusivo de bebidas alcoólicas, das condições precárias de sobrevivência, do desemprego, da incapacidade de competir na sociedade aliada a sensação de não pertencimento e de estar à margem da sociedade.

Quando entram em cena o alcoolismo e a violência toda a família adocece, sobretudo as crianças que são consideradas as maiores vítimas. Os internos, quando crianças, tiveram seu rendimento escolar diretamente influenciado pelo cotidiano familiar a que estiveram submetidos.

Descontextualizada da realidade, a escola não somente ignorou a história de vida de sua clientela como, valendo-se de expedientes conhecidos como as constantes reprovações, violência física e humilhações, acabou por construir nestes indivíduos o sentimento de inadequação, baixa-estima e falta de capacidade intelectual.

Seria portanto possível relacionar a falha da escola ao aumento da violência e consequentemente o aumento da população carcerária? A contribuição da escola para o aumento da violência e da população carcerária não pode ser definida e muito menos medida linearmente. A responsabilidade da escola reside na omissão. A escola finge desconhecer que a realidade da família, seus hábitos, costumes e tradições encontram nela um espaço para aflorar. Ao responsabilizar o aluno pelo fracasso escolar e pelo seu baixo desempenho, optou por reforçar o senso comum de que se “os mais inteligentes e melhores possuem as melhores notas” logo “os menos inteligentes possuem as piores notas”. A omissão da escola em discutir as questões sociais reforça o sentimento de não pertencimento do estudante àquela realidade. A escola, através da sua prática, reproduz a exclusão social a que os alunos já se encontram submetidos quando em sociedade, ou seja, uma sociedade excludente não pode parir uma escola democrática e uma escola democrática não pode nascer se seu compromisso estiver na culpabilização descontextualizada do estudante e do seu desempenho.

A escola deve ser o local do desafio, da superação das limitações individuais, onde é possível criar, inventar, inovar e transformar. Ao mesmo tempo em que a escola trabalha com o conhecimento produzido historicamente, ela possui a responsabilidade de (re)significar esse conhecimento e demonstrar que a realidade vivida é produzida através da ação dos indivíduos e nisso consiste o objetivo maior da educação.

Educar, portanto, é a força realizada para levar o indivíduo a desenvolver suas potencialidades. Educar é levar a humanidade ao ser humano. Na busca pela humanidade, o contato com o outro é fundamental, é somente através dele que a educação se efetiva. Não há educação individual, a educação se dá através da mediação com o outro e através do outro, é a partir do contato com o outro que se torna possível ao ser humano ter consciência de si próprio e de sua existência. Assim, a educação nunca é um ato neutro, desligado de um contexto e de um objetivo, a educação é uma ação intencional do ser humano para superar-se a cada dia.

Savater (1998, p.40) afirma que o ser humano, para atingir a sua condição de “humano” necessita fundamentalmente reconhecer que:

O fato de ensinar a nossos semelhantes é mais importante para o estabelecimento de nossa humanidade do que qualquer um dos conhecimentos concretos que assim se perpetuam ou se transmitem.

Das coisas, podemos aprender efeitos e modos de funcionamento, (...); mas do comércio intersubjetivo com os semelhantes aprendemos os significados.

A partir desta afirmação conclui-se que o ser humano pode aprender muito sobre a realidade e sobre os conhecimentos produzidos pela humanidade, mas a educação vai além da mera acumulação. Processar as informações é útil e fundamental ao ser humano e isso também não pode ser negado. Mas educar é ir além, educar é estabelecer relações e compreender os significados dessas relações.

Enfim, a educação que transforma o ser humano é aquela que ensina a aprender a pensar e a refletir, é a que torna os sujeitos conscientes da realidade dos seus semelhantes. A educação é uma ferramenta que permite ao ser humano intervir no mundo além de socializá-lo, a fim de conseguir viver a plenitude de suas realizações. Infelizmente uma educação desta natureza não foi aquela a que os internos, quando crianças, foram submetidos. Há que se lamentar... Há que se pagar o preço...

12

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRATTI, M. P, **Da infância ao cárcere: histórias de vida dos internos da Penitenciária Industrial de Joinville.** A educação como uma estratégia para a ressocialização. Asunción (PY): UNINORTE, 2007. 198 f. Tese (Doutorado) Programa de Pós- Graduação em Ciências de la Educacion, Faculdade de Educação, Universidade Del Norte, Asunción (PY), 2007.

BRASIL. Ministério da Justiça. Departamento Penitenciário Nacional. **Execução Penal:** sistema prisional. Disponível em: <<http://portal.mj.gov.br/depen/data/Pages/MJD574E9CEITEMIDC37B2AE94C6840068B1624D28407509CPTBRIE.htm>> Acesso em: 15 maio. 2012

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** 23. ed. Rio de Janeiro: Petrópolis, 2000.

GANDIN, D. A escola tem saída? **Revista de Educação – AEC**, Brasília, ano 35, n. 140, p. 19-26, jul/set. 2006.

GÓMEZ, A. I. P. **A cultura escolar na sociedade neoliberal.** Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.

ILLICH, I. **Sociedade sem escolas.** Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 1973. (Educação e tempo presente, 10).

VI Simpósio Nacional de História Cultural  
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar  
Universidade Federal do Piauí - UFPI  
Teresina-PI  
ISBN: 978-85-98711-10-2

REIMER, E. **A escola está morta:** alternativas e educação. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

SAVATER, F. **O valor de educar.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.